

Luís Brilhante: *Ilhas vistas do mar parecem pinturas.*

8 de Janeiro a 26 de Fevereiro 2022

O corpo de trabalho aqui apresentado por Luís Brilhante (Ponta Delgada, 1968) dispõe-se de forma descontínua — são desenhos e pinturas que subsistem pela sua narrativa plástica individual. A temática, se se pode aplicar este termo, espraia-se por formatos que variam entre o rectangular e o quadrado e acolhem uma vastíssima gama cromática, pela via do gesto/caligrafias e também por um constante acontecer de acidentes que, ora são mostrados, ora cobertos por outras tantas cores e acontecimentos.

Quer nas pinturas, quer nos desenhos, as manchas, os traços caligráficos escuros e coloridos são ambíguos quanto ao que retratam, se de facto retratam alguma coisa. Ora os gradientes desaparecem nas mais variadas direções e uma nova faceta *ilusionista* emerge: a representação de aberturas, de ocultações e ausências, transforma o espaço pictórico numa longa caminhada do olhar e da descoberta. A ilusão serve para complicar a leitura da obra. Luís Brilhante usa marcas quase sem peso físico para aplicar escorrimentos de tinta, salpicos, aguadas. Ora transparentes, ora completamente opacas. Há um fortalecimento gradual nesta suposta leveza, uma vez que a “realidade” pintada e desenhada se exime de representar sombras e volumes: a aproximação do olhar a questões processuais.

A exposição apresenta uma produção variada, desenvolvida nos seus dois ateliers (Ponta Delgada e Lisboa). Inclui um tríptico densamente povoado por uma textura de tinta a óleo (a que o artista se refere como uma porta pictórica). A aposta na variedade problematiza as imagens, negando a certeza de compreender as peças, como se de um sonho se tratasse. A ausência de uma estrutura funcional concorre com aquilo que é insistentemente transportado para um primeiro plano de leitura — a atmosfera, ou, se o desejarmos, a paisagem.

O fluxo das cores e da ampla gama de claros/escuros, atravessa as superfícies num movimento de fuga, dando às pinturas e aos desenhos um ritmo temporal, como se o processo de leitura fosse de certa maneira retratado nos gradientes e acidentes deixados à superfície da tela e do papel.

Ilhas vistas do mar parecem pinturas - porque ilhas vistas de longe só podem ser imaginadas como são na realidade compostas. Pessoa, que não era pintor, já as desenhava e desejava assim: *Não sei se é sonho, se realidade, / Se uma mistura de sonho e vida, / Aquela terra de suavidade / Que na ilha extrema do Sul se olvida.*